

# SEMINÁRIO DE PESQUISA NEC 2023

11-12 abr.

NÚCLEO DE ESTUDOS DE ESPACIALIDADES CONTEMPORÂNEAS | NEC.IAU.USP



## AS MÁQUINAS DE VER DE JAIDER ESBELL

*FUGAGNOLLI, Mariana Abramo; mariana.fugagnolli@usp.br; IAU-USP*

*Pesquisa de iniciação científica, orientada por Ruy Sardinha Lopes*

*Iniciada em 01/11/2022*

### 1 Introdução

Ao considerar as recentes exposições de arte, publicações e o espaço a elas conferido pela 34ª Bienal de São Paulo “Faz Escuro mas eu Canto”, pode-se dizer que assistimos uma espécie boom da “Arte Indígena Contemporânea” no Brasil. Exposições como “Reantropofagia” (Niterói, 2019), “Véxoa: Nós sabemos”, (São Paulo, 2020-2021); e “Moquém\_Surarî: arte indígena contemporânea”, (São Paulo, 2021) atestam o protagonismo de artistas, curadores, pensadores e ativistas indígenas na cena cultural brasileira contemporânea. Para além de um evidente movimento mercadológico em busca de novos nichos de consumo do “mundo da arte” e sua necessidade de constantes novidades, tais exposições parecem somar-se aos importantes movimentos que buscam repensar criticamente as matrizes do processo de formação da cultura e da(s) identidade(s) nacionais, bem como de nossa modernização. Movimentos que, à luz das efemérides recentes, ganham ainda mais visibilidade.

A arte tem servido para nós percebermos que foi essa própria ideia de ‘arte’ que primeiro nos oficializou esse lugar da minoria, nesse lugar daquele que é oprimido. Então a gente vem se apropriando dessa palavra para fazer essas investigações e contrapor essa história que ainda é reproduzida muitas vezes com a intenção de limpar da memória ou do espaço a nossa existência e tudo que isso representa, especialmente o nosso direito de permanecer nos nossos territórios. (ESBELL, 2021)

De relato etnográfico, a Arte Indígena Contemporânea<sup>1</sup>, o lugar da imagem e das produções culturais de povos indígenas nas instituições artísticas do Brasil percorre trajetórias marcadas por apagamentos e disputas. Ainda que as discussões de autores modernistas nos anos 1920, tenham se voltado aos povos originários para deglutir de tais culturas aquilo que seria capaz de revolucionar a cultura nacional, tal movimento, como afirma Denilson Baniwa e Lúcia de Sá (2021), não foi capaz de livrar-se da visão colonialista, visto que a incorporação das narrativas e da imagem destes corpos se

---

<sup>1</sup> Termo criado por Jaider Esbell para se referir à produção de artistas indígenas brasileiros no cenário artístico contemporâneo.

deu à sua revelia. Posteriormente, na “Mostra do Redescobrimto” (São Paulo, 2000) foram reunidos e expostos objetos de significados ritualísticos, ornamentais ou de uso cotidiano que, mesmo permitindo discussões sobre vivências e regimes de visibilidade outros, tratava-se, na maioria dos casos, da reunião de artefatos indígenas roubados e enclausurados nos museus - donde destaca-se a importância da guinada decolonial e da auto afirmação e representação de artistas e curadores indígenas nos espaços artísticos institucionais. (MÜLLER, 2001)

Como pesquisador eu adotei as linguagens artísticas como forma de fazer política e a escrita na língua do colonizador é uma maneira de tornar traduzível para as mais diferentes línguas possíveis aquilo que por si só não tem bastado. São recorrentes as cenas de injustiça secular velada, negada e estruturalmente legalizada contra nossas nações originárias por parte do Estado nacional com a conivência internacional. (...) O fato é que ainda hoje precisamos iconografar nossas lutas para que elas sejam visibilizadas. Que ainda hoje temos que tecer verdadeiras odisséias para alcançar os “púlpitos” que são o que chamam de lugar de fala ou o lugar da expressão. Mesmo ainda sendo uma produção tida como menor, uma produção de periferia ou de minorias, são as artes dos nativos a lhe ampliem as vozes e isto deve constar como práticas decoloniais. (ESBELL, 2020a)

Ainda que termos como “apagamento”, “visibilidade” e “luta decolonial” remetam ao universo teórico tomado mais frequentemente a partir das contribuições de Judith Butler e Michael Foucault<sup>2</sup> a respeito dos processos de assujeitamento e regulação dos corpos nas sociedades moderna e contemporânea, sua transposição para as questões que entremeiam a arte não são imediatas e, portanto, tais aspectos deverão estar presentes como uma espécie de terreno conceitual a partir da qual as práticas artísticas de Jaider Esbell devem ser referidas.

O artista macuxi nascido em 1979 na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, assumiu um papel central guinada etnográfica da arte brasileira. Sua atuação distinta e multidisciplinar - enquanto artista, curador, escritor e promotor cultural - levou à sua premiação em 2016 no PIPA Online, e a participação em exposições nacionais e internacionais como a 33<sup>a</sup> e 34<sup>a</sup> Bienal de São Paulo e a 59<sup>a</sup> Bienal de Veneza. (Galeria Jaider Esbell<sup>3</sup>)

Em sua curta vida-arte Jaider soube combinar discussões sobre ancestralidade, memória, identidade, política e crítica decolonial, contribuindo amplamente para a consolidação, nos termos do autor, da AIC - “Arte Indígena Contemporânea”. Tal termo e sua criação evidenciam a necessidade de sistematizar um movimento que contribua para a formação de uma rede de artistas indígenas, e a importância da afirmação de suas origens no espaço institucional. Mais do que artistas contemporâneos, os artistas da AIC levam para além das obras físicas, suas vozes, discursos, demandas, imagens e lutas aos museus, contribuindo para sua autoafirmação e representação em âmbito nacional e internacional. Jaider define a AIC como uma “armadilha para identificar armadilhas”, visto que se utiliza de um mecanismo ocidental - as próprias instituições de arte - para desmascará-lo e apropriar-se deste instrumento. (ESBELL, 2020)

---

<sup>2</sup> Em pesquisa anterior, ligada ao projeto de pesquisa “Corpos que (não) importam: regimes de (in)visibilidade da arte contemporânea”, coordenado pelo professor Ruy Sardinha Lopes, no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP, campus de São Carlos, tivemos a oportunidade de nos defrontar com esse corpus teórico e estudar sua aplicação à produção do artista chinês Ai Weiwei na pesquisa de iniciação científica “Corpos que (não) importam: Ai Weiwei e as vidas precarizadas”.

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.galeriajaideresbell.com.br/>>. Acesso em: 3 maio 2023.

Tais discussões se materializam na obra “Carta ao velho mundo”, (2021) onde o artista macuxi faz uma série de inscrições e denúncias do genocídio indígena e da desertificação da Amazônia em uma enciclopédia de artes clássicas - sobrepondo ao suporte colonial e à narrativa hegemônica das artes clássicas, uma cosmologia e reivindicação indígena.

Certamente um momento especial na trajetória de Jaider foi a mostra individual “Apresentação: Ruku”, realizada na Galeria Millan, em 2021, com curadoria do artista e assistência curatorial de Paula Berbert. Em torno do Ruku, um pé de jenipapo foram reunidas 60 obras produzidas entre 2019 e 2021 em meio às quais performa “O Cajado do Pajé”, um ato cerimonial dentro da Galeria. Na pintura “A conversa das entidades intergalácticas para decidir o futuro universal da humanidade” são compostas camadas de desenhos, figuras e texturas que materializam a cosmovisão Macuxi referente à sobreposição de temporalidades e metamorfoses. O olhar do observador passeia pelas telas e descobre seres em perpétua transformação através das formas que confluem umas nas outras. Confronto de cosmologias, diálogo entre diferentes realidades, disputas entre territorialidades distintas; várias são as questões abertas por essa exposição-cerimonial. Momento também especial para se pensar a relação do artista e do movimento por ele designado como “arte indígena contemporânea” com a instituição arte e suas formas de legitimação. (ESBELL, 2021a)

Seria a arte que acredito fazer meu escudo ou seria ela minha curandeira? Seria eu uma espécie de piya’san, um pajé, um curador? Eu sinto essa cura cada vez que ponho uma peça “de arte” no mundo. Será que a arte que a gente opera cura quem não está mais em si? Poderia a arte dos indígenas devolver a alma dos herdeiros dos invasores? A montanha de cristal, o Monte Roraima, ou o tronco da grande árvore Wazaka’ye, uma vez me disse muitas coisas. Quando lá estive, também como rota de meu retorno, ascendi, ou fui ascendido. Fui tomado pelas mãos quando me disseram, os de lá, que meus pés estavam precisando de um repouso e as entidades do lugar me levaram para os galhos invisíveis para comer de outras frutas. Tais seres me disseram: não procure em vão, o que tu és está aqui. Somos espelhos infinitos a irradiar aquilo que está fora do alcance da extinção. Mas quando desceres, siga caminhando, pois é certo que muitos, de fato, perderam completamente o horizonte da reconstituição e é o movimento contínuo que oxigena a vida que está sempre a esperar. (ESBELL, 2021c)

## **2 Objetivos**

A pesquisa tem como objetivo geral qualificar a “guinada indigenista” da arte contemporânea brasileira e as questões que norteiam o trabalho destes artistas, em especial de Jaider Esbell. Dentre os objetivos específicos, estão a análise das mostras e curadorias de Jaider Esbell na Galeria Millan, Bienal de São Paulo e Museu de Arte Moderna de São Paulo. Analisar a contribuição do artista macuxi para a constituição do movimento “Arte indígena contemporânea” e as implicações deste movimento e de suas obras nas instituições de arte, e nas discussões “ativistas”, políticas e identitárias sobre os povos indígenas.

## **3 Abordagem da pesquisa**

A pesquisa em andamento conta com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e consiste no levantamento documental, bibliográfico e iconográfico e posterior análise, revisão e sistematização sobre o referencial teórico que embasa as discussões sobre a produção artística indígena brasileira contemporânea, em especial as últimas exposições e curadorias de Jaider Esbell. Para tanto, a pesquisa se debruça sobre os materiais – textos, imagens, vídeos, catálogos – disponíveis na internet, em bibliotecas públicas e espaços culturais, museus e galerias.

#### **4 Resultados e discussões**

Os dados coletados, sempre orientados pelos objetivos da pesquisa, bem como pela reflexão permanente sobre as fontes, serão catalogados e sistematizados por meio da produção de fichas de leitura (no caso de material bibliográfico) e da formação de um banco de imagens digital (no caso do material iconográfico). Essas fichas e o banco de imagens terão o intuito de captar os temas fundamentais da obra de Jaider Esbell, bem como aspectos do movimento “Arte indígena contemporânea”. A partir da investigação das formas de inserção e apropriação da arte indígena produzida no Brasil e no estrangeiro, pretende-se extrair um quadro que contribua para apontar especificidades e continuidades desse momento da arte contemporânea.

#### **5 Referências**

BANIWA, Denilson. **Pax Mongolica: ou sobre a estabilidade pelo domínio do outro**. In: Artes indígenas: apropriação e apagamento | 1922: modernismos em debate. Instituto Moreira Salles. Youtube, 2021a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=J-E8rfXjqoY>>. Acesso em: 3 Jan. 2022.

ESBELL, Jaider. **Autodecolonização – Uma Pesquisa Pessoal No Além Coletivo**. 9 de agosto de 2020a.

\_\_\_\_\_. **A Arte Indígena Contemporânea Como Armadilha Para Armadilhas**, 2020b.

\_\_\_\_\_. **Apresentação RUKU**. São Paulo: Galeria Milan, 2021a. Disponível em <<http://www.galeriamillan.com.br/exposicoes/apresentacao-ruku-jaider-esbell/press-release>>. Acesso em 19/07/2022.

\_\_\_\_\_. **Catálogo da Mostra Moquém\_Surarí: Arte Indígena Contemporânea**. São Paulo: MAM, 2021c.

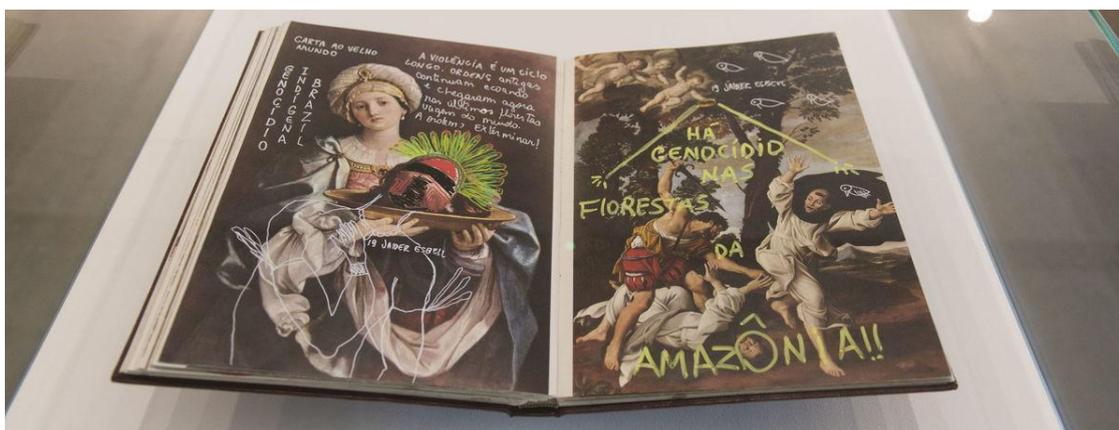


Figura 1: Carta ao velho mundo. Fonte: Acervo do grupo Cartilha da Cidade., Arte!Brasileiros<sup>4</sup>

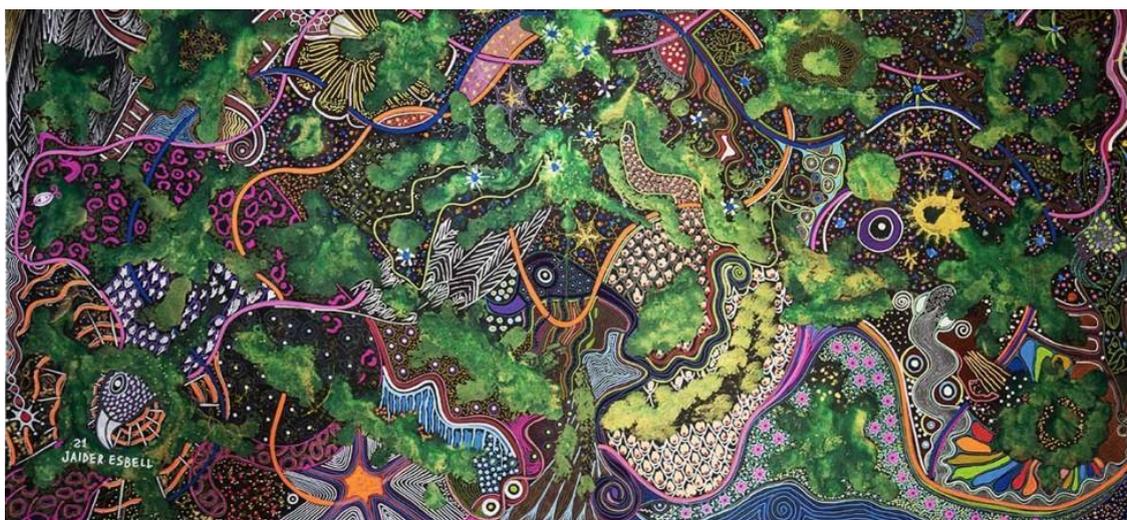


Figura 2: A conversa das entidades intergalácticas para decidir o futuro universal da humanidade, 2021 ((2021, acrílica e caneta posca sobre tela 112 x 232 cm). Fonte: Acervo do grupo Cartilha da Cidade., Prêmio Pipa<sup>5</sup>



Figura 3: Jaider Esbell em performance na exposição "Apresentação : Ruku". Fonte: Renata Chebel / Galeria Millan.<sup>6</sup>

<sup>4</sup> CYPRIANO, Fabio. A guerra de Jaider Esbell. ARTE!Brasileiros. Disponível em: <<https://artebrasileiros.com.br/arte/artista/jaider-esbell/>>. Acesso em: 13 jul. 2022.

<sup>5</sup> PIPA Prize. Disponível em: <[https://www.pipaprize.com/pag/jaider-esbell/je21-003-t-gm\\_r9a0004-daniel-jabra/](https://www.pipaprize.com/pag/jaider-esbell/je21-003-t-gm_r9a0004-daniel-jabra/)>. Acesso em: 3 maio 2023.

<sup>6</sup> Jaider Esbell | Galeria Millan. Dasartes. Disponível em: <<https://dasartes.com.br/agenda/jaider-esbell-galeria-millan/>>. Acesso em: 20 jul. 2022.